

DE CIENTISTA A DIVULGADOR: A VOZ DE FIORIN NO GÊNERO DISCURSIVO DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Urbano Cavalcante Filho¹
(IFBA)

RESUMO:

Nosso propósito no presente trabalho consiste em caracterizar a divulgação científica como gênero do discurso, tomando como suporte teórico os postulados do estudioso russo, Mikhail Bakhtin, respaldado numa perspectiva dialógica, sócio-histórica e ideológica de linguagem. Em seguida, intencionamos caracterizar o discurso da divulgação científica, analisando os índices de objetividade e subjetividade (LEIBRUDER, 2003), bem como o fenômeno da heterogeneidade discursiva (ALTHIER-REVUZ, 1982, 1990, 1998) presente no projeto discursivo desse gênero, no intuito de perceber o movimento dialético discursivo operado pelo linguista/divulgador na produção de uma nova discursividade. Constitui o *corpus* os textos de José Luiz Fiorin da Revista Língua Portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero discursivo; Divulgação científica; Nova discursividade.

INTRODUÇÃO

Considerando o fato de que o caráter e os modos dessa utilização são variados, variadas também serão as modalidades de gêneros discursivos. Dessa forma, a divulgação científica (DC) está circunscrita a uma esfera de utilização da língua, podendo ser encarada como um gênero discursivo, já que reflete as condições específicas e as

¹ Mestre em Letras: Linguagem e Representações - Uesc/2011, Mestre em Cultura e Turismo - Ufba/Uesc/2008, Especialista em Leitura e Produção Textual - Uesc/2008, Professor de Português do Instituto Federal da Bahia (Ifba - Campus Ilhéus), Professor Pesquisador Uab/Uesc, Líder do grupo de pesquisa "Linguagem, gêneros discursivos e leitura", do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). CV: <http://lattes.cnpq.br/6466770995969401>

finalidades de cada uma dessas esferas no tocante a três aspectos: o conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional, elementos esses indissolúvelmente ligados entre e si e fundidos no todo do discurso. Assim, a DC pode ser concebida como um gênero do discurso resultante da intersecção entre dois outros gêneros discursivos: o discurso da ciência e o discurso do jornalismo, este último visto como o discurso de transmissão de informação. Para Campos (2006, p. 1) esse gênero “é considerado como realização enunciativa marcada pela ação de quem é colocado na posição de *um* ao falar *pelo outro* (o especialista) *para o outro* (não-especialista)”. Na caracterização do discurso da divulgação científica, pretendemos demonstrar que percebemos um movimento dialético discursivo da voz do especialista (cientista) para a voz do divulgador na constituição de uma nova discursividade no projeto de dizer do gênero divulgação científica.

MATERIAL E MÉTODOS

O *corpus* que elegemos para este trabalho é constituído por textos produzidos e assinados pelo Prof. Dr. José Luiz Fiorin e publicados na revista *Língua Portuguesa*, da Editora Segmento. Na empreitada de percebermos o movimento discursivo dialético da voz constante do projeto discursivo da DC, mais precisamente do deslocamento da voz de cientista para divulgador, estabelecemos um recorte analítico nos índices de objetividade (nas categorias voz do cientista e apagamento do sujeito), os índices de subjetividade (os elementos didatizantes de definição, nomeação, exemplificação, comparação e parafraseagem) e o fenômeno da heterogeneidade discursiva presente no projeto discursivo desse gênero. Para sustentar teoricamente as análises propostas, buscamos os dispositivos analíticos propostos por Leibrunder (2003) e os postulados da pesquisadora Authier-Revuz (1982, 1990, 1998).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na caracterização do gênero DC, percebemos a interação que marca a enunciação do especialista com a enunciação do não especialista, mediado pela enunciação do divulgador.

Tomando o projeto discursivo de Fiorin (cientista/divulgador) observação que em sua enunciação na DC, há uma estrutura enunciativa de três lugares com duas extremidades: o primeiro é o lugar da ciência, representado pelo cientista, cuja autoridade traduz-se em garantia de credibilidade e seriedade. O segundo lugar é ocupado pelo “público leitor”, chamado de não especialista, cuja imagem é construída a partir da ideia de um homem leigo, porém aberto e curioso sobre “novidades” da ciência. Por fim, no terceiro lugar, temos o divulgador, que é o mediador dessa relação, cuja função é aproximar os dois pólos.

Podemos dizer de outra maneira: no gênero DC, o papel desempenhado pelo divulgador é o de mediador, cujo espaço de enunciação localiza-se no interdiscurso, já que ele (o divulgador) fala do outro (ciência) para o outro (público leitor), gerando, de modo criativo, uma nova enunciação: a enunciação da DC, que tem como alvo o não especialista. O que temos aí, não é mera forma de reformulação discursiva, mas essencialmente a formulação de um novo discurso (ZAMBONI, 1997, p. 28), com características e finalidades próprias.

A atividade do divulgador, antes de ser mera adaptação daquilo que foi formulado pelo discurso científico, é, antes de tudo, um verdadeiro trabalho discursivo. O trabalho do divulgador é resultado de um gesto interpretativo do discurso da Ciência e não apenas uma reformulação de seu discurso. O modo como o divulgador vai elaborar seu discurso depende essencialmente do contexto discursivo em que se inscreve, o que inclui, não apenas o meio através do qual o seu artigo será veiculado, mas, essencialmente, o interlocutor a quem este se dirige.

CONCLUSÕES

Observarmos, nessa prática discursiva, não uma mera forma de reformulação discursiva, como defendem muitos estudiosos, a exemplo da pesquisa Authier-Revuz (1990, 1998), mas, essencialmente, enquanto reformula, formula um novo discurso, em concordância com Zamboni (1997). Concluimos, portanto, que voz de Fiorin nos textos de divulgação científica, ao contrário de ser simplesmente adaptação daquilo que foi formulado pelo discurso científico (voz do cientista), é, antes de tudo, um verdadeiro trabalho discursivo, resultante de um gesto de interpretação, operado na ordem do deslocamento, na constituição de uma nova discursividade. Temos aí, então, o movimento da voz de cientista para a voz do divulgador, enquanto aquele que fala pelo outro (cientista) para o outro (não especialista).

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montréalaise et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le discours. **DRLAV- Revue de linguistique**, Paris: Centre de recherche de l'Université de Paris VIII, n. 26, 1982.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cad.Est.Ling.**, Campinas, n. 19, jul-dez, 1990, p. 25-42.
- AUTHIER-REVUZ, J. A encenação da comunicação no discurso de divulgação científica. In: AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas: Unicamp, 1998. 107-131.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina G. G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

CAMPOS, E. N. **O eixo e a roda**. Belo Horizonte, v. 12, p. 301-309, jan/jul. 2006. O diálogo do espelho Disponível em:

<http://www.lettras.ufmg.br/poslit>

CAMPOS, E. N.. **Dialogismo e prescrição**: gênero, discurso, persuasão e gramática. Ilhéus. 2008. III Seminário de Língua Portuguesa e Ensino e I Colóquio de Lingüística, Discurso e Identidade. Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2008, v. 1.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

LEIBRUDER, A. P. O discurso de divulgação científica. In: BRANDÃO, H. N. (Coord.). **Gêneros do discurso na escola**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ZAMBONI, L. **Heterogeneidade e subjetividade no discurso de divulgação científica**. Tese (Doutorado em Lingüística). Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 1997.